

RELAÇÃO ENTRE VARIAÇÃO ALTIMÉTRICA E COMPOSIÇÃO DE MELASTOMATÁCEAS E PTERIDÓFITAS AO LONGO DE UMA VERTENTE

Andressa B. Scabin, Bethania Azambuja, Clarissa M. P. Leite, Fernando Gonçalves & Heloisa D. Brum

Diferentes condições ambientais ao longo de qualquer gradiente (p. ex. luz, temperatura ou altitude) podem resultar na distribuição não aleatória dos organismos e na mudança da composição das espécies. O gradiente altitudinal está relacionado a outras mudanças abióticas, como umidade e luz. Com base nisso, procuramos responder se a variação altitudinal em uma vertente é relacionada com a mudança na composição de espécies de pteridófitas e melastomatáceas em uma escala local na Amazônia Central. Esperamos que parcelas situadas na mesma cota altitudinal sejam mais similares em sua composição do que parcelas em diferentes cotas, onde há maior diferença ambiental. Amostramos 12 blocos de parcelas, cada bloco com três parcelas de 2 x 2 m. Cada bloco possuía duas parcelas distantes 10 m na mesma cota altitudinal, e uma a 10 m de distância acima, na parte superior da vertente. Nas parcelas, amostramos a composição de morfoespécies de pteridófitas e melastomatáceas. Calculamos a similaridade (índice de Sorensen) de morfoespécies entre parcelas na mesma cota altitudinal e entre parcelas em diferentes cotas. Não houve diferença na similaridade entre parcelas na mesma altitude e entre parcelas de diferentes altitudes (teste t pareado, $F=-0,49$, $gl=11$, $p=0,63$). A variação altitudinal analisada não foi suficiente para promover alterações que modifiquem as condições para o estabelecimento de espécies diferentes nos grupos estudados. Estudos em gradientes altitudinais maiores podem ser interessantes para avaliar se ocorre variação na composição. Como nossas parcelas tiveram muitas ausências de espécies, sugerimos que estudos futuros considerem parcelas maiores para melhor representação da comunidade.